

de letras; Francisco Martins dos Santos, de São Vicente, nosso confrade da Academia Paulista de História; Gustavo Bauer, de Petrópolis; Herbert Canabarro Reichard, historiador eminente e nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Hermes Lima, sociólogo e político, antigo chefe de gabinete na breve experiência parlamentar por que passou o Brasil em 1961/63, membro da Academia Brasileira de Letras; autor, entre outros, de importante estudo sobre Tobias Barreto; João Gomes Teixeira, antigo diretor do Arquivo Público Mineiro; Leônicio Ribas Marinho, de Águas de Lindóia, velho militante da imprensa paulista e nosso confrade da Academia Paulista de Jornalismo; Odylo Costa Filho, poeta e jornalista, membro da Academia Brasileira de Letras; René Pena Chaves, médico e escritor, membro da Academia Campinense de Letras; Reynaldo Xavier Carneiro Pessoa, do Departamento de História da Universidade de São Paulo; Roberto Macedo, historiador da cidade do Rio de Janeiro, nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Venâncio Willeke (Frei), de Olinda, historiador dos franciscanos no Brasil, também nosso confrade do Instituto Histórico Brasileiro; Vicente de Paulo Vicente de Azevedo, da Academia Paulista de Letras, e de quem já nos ocupamos num dos últimos números desta publicação; e Vítor de Azevedo, jornalista e historiador e, igualmente, nosso confrade da Academia Paulista de Jornalismo.

De René Pena Chaves já nos ocupamos nesta publicação quando de sua eleição para a Academia Campinense de Letras; a Vítor de Azevedo, dedicamos a seção “Vultos da Historiografia Brasileira” deste número, e de Reynaldo Carneiro Pessoa nos ocupamos em crônica no “Correio Popular” de Campinas, transcrita à página 289 deste número. ONM.

*
* *
*

MEMÓRIA CAMPINEIRA (7)

UMA GRANDE FIGURA FEMININA DA HISTÓRIA DE CAMPINAS

Transcorreu no corrente ano (6 de agosto) o centenário do falecimento da Viscondessa de Campinas. Ao ensejo da ocorrência, o Acadêmico Celso Maria de Melo Pupo, presidente da Academia Campinense de Letras, publicou no “Correio Popular” a nota que julgamos oportuno transcrever:

“Transcorreu ontem, dia 6, o centenário do falecimento da Viscondessa de Campinas, Dona Maria Luiza de Souza Aranha. Nasceu esta

ilustre titular pelos anos de 1797, na fazenda Taquaral, hoje Estado do Paraná, filha do proprietário da fazenda, Joaquim Aranha Barreto de Camargo.

Joaquim Aranha, grande criador de animais cavалares, dedicou-se a estas atividades até transferir-se para Campinas onde fundou o Engenho do Mato Dentro, vasta propriedade depois fracionada para descendentes. Teve atuação distinta na vida pública de Campinas, de cuja Câmara foi presidente, marcando, ainda, sua atuação com outras atividades públicas e com as construções residenciais para seu uso na então vila, no atual Largo da Catedral; e no seu Engenho do Mato Dentro, a casa sede ainda existente, propriedade do Governo do Estado. Deixou Campinas pelos anos de 1820, sendo, em 1822, nomeado pelo Príncipe Regente comandante militar da praça de Santos.

Coube à Viscondessa de Campinas herdar as propriedades paternas nesta cidade. Dona Maria Luiza casou-se solenemente no engenho do Mato Dentro, em 1817, tendo por testemunhas o Capitão-mor de Campinas, João Francisco de Andrade, e o Major Teodoro Ferraz Leite, senhor de engenho, casado com prima da noiva, Dona Maria Luiza Teixeira, senhora de grande beleza.

O noivo, primo da noiva e antigo auxiliar da administração na grande fazenda do Paraná, era Francisco Egídio de Souza Aranha, dezenove anos mais velho que a noiva; distinto agricultor no engenho da herança da esposa, foi dos primeiros plantadores de café em Campinas, mas viveu retraído, empolgado na atividade agrícola, só uma vez ocupando cargo público; faleceu em 1860, com 82 anos de idade.

Dona Maria Luiza, como as velhas e resolutas senhoras paulistas, assumiu, na viuvez, a direção dos negócios que continuaram em grande prosperidade, e da família constituída de onze filhos. Notabilizou-se, além da direção da casa e direção sábia dos filhos, no seu espírito caritativo, distribuindo, reservadamente, abundantes esmolas, colaborando na fundação da Santa Casa e nos interesses de sua pátria, como diz o decreto que a elevou ao título nobiliárquico.

Pelos decretos imperiais de 1875 e 1879 foi agraciada com os títulos de Baronesa e Viscondessa de Campinas, em cuja justificação se declarou que era elevada a estes títulos “em atenção aos relevantes serviços prestados à instrução pública e à humanidade e em relação à guerra do Paraguai.” Em sua casa, do Largo da Catedral, hospedou o Príncipe Conde d’Eu, casa onde também foram hospedados pelo seu filho Marquês de Três Rios, a Princesa Isabel, seu marido e filhos em 1884, e os imperadores Dom Pedro II e Dona Teresa Cristina em 1886.

Deixando vasta e ilustre descendência, constitui-se ancestral de altos valores paulistas, como o já referido filho, o Marquês de Três Rios, vice-

presidente da Província, ocupando várias vezes a presidência; a Baronesa de Itapura, senhora também de grande generosidade; Carlos Egídio de Souza Aranha, moço fidalgo da Casa Imperial; Joaquim Carlos Egídio de Souza Aranha, cavaleiro de Malta; Olavo Egídio de Souza Aranha, senador e secretário de Estado; Oswaldo Aranha, ministro de Estado; Ciro de Freitas Vale, diplomata; Carlos Norberto de Souza Aranha, deputado; Antônio Carlos do Amaral Lapa, grande benfeitor da Santa Casa e promotor da fundação do bispado de Campinas; Luís Aranha, deputado; Paulo de Almeida Nogueira, deputado; Alfredo Egídio de Souza Aranha, deputado; Paulo Nogueira Filho, deputado e acadêmico; Marcelo e Tarcísio Damy de Souza Santos, cientistas; Paulo Nogueira Neto, professor e cientistas; José Bonifácio Coutinho Nogueira, secretário de Estado; Olavo Egídio Setúbal, banqueiro e prefeito de São Paulo; Lafaiete Álvaro de Souza Camargo, prefeito de Campinas; e mais outros numerosos descendentes em Campinas, São Paulo e outras cidades do País.

*
* *
*

TRANSCRIÇÃO

O RIO VISTO POR UM AMERICANO EM 1835

José Gonçalves Salvador

Em meados de agosto de 1835 desembarcava do navio “Nelson Clark” no porto do Rio de Janeiro o cidadão estadunidense Fountain E. Pitts. Demorar-se-ia na capital brasileira apenas o suficiente para conhecer as condições locais e a situação do País, em vista dos objetivos de que fora incumbido. De fato, aqui permaneceu por duas semanas, observando, conversando com pessoas de língua inglesa e visitando um que outro logradouro público, a exemplo do Jardim Botânico, cuja variedade de plantas admirou, e também igrejas. Certo negociante britânico, mencionado pelo nome de Mr. Thornton, e residente nos arredores da cidade, proporcionou-lhe alguns passeios e lhe forneceu muitas das informações desejadas.

Ora, sendo a estada do ilustre visitante de curta duração, muita coisa, certamente, lhe escapou aos olhos, mesmo porque nas três breves missivas que nos legou não podia contar tudo. Estas falhas, entretanto, serão facilmente sanadas recorrendo-se à obra de seu patrício e confrade, Daniel P. Kidder, intitulada **Reminiscências de viagens e permanência no Brasil**, de inestimável valor para o conhecimento da vida e costumes da nossa gente ao tempo da aclamação de